

O pacto das catacumbas: da pobreza “sem rosto” ao novo rosto dos pobres*

Anderson Silva Barroso **

Resumo

O tema dos pobres na vida da Igreja sempre esteve presente ao longo dos séculos. No século XX o assunto pôde ser retomado quando, em 1962, o Papa João XXIII, em uma mensagem radiofônica em vista do início do Concílio Vaticano II demonstrou seu desejo de uma “Igreja dos pobres”. Ao final do Concílio, um grupo de padres conciliares decidem fazer um pacto visando ao ideal do Papa. O chamado Pacto das Catacumbas impunha aos bispos a busca de uma vida pobre ao lado dos pobres. Mas quais pobres? Quem eram, na prática, aqueles de quem a Igreja deveria aproximar-se, proporcionando maior protagonismo e animando-os na busca de seus direitos? Longo e contínuo caminho, feito até um novo pacto em favor dos pobres, o Pacto das Catacumbas pela Casa Comum, cuja novidade foi assumir a terra como o novo rosto dos pobres. O objetivo deste artigo é, assim, demonstrar a evolução na compreensão eclesial do rosto dos pobres em ambiente Latino-Americano, desde o Pacto das Catacumbas da Igreja serve e pobre até o Pacto das Catacumbas pela Casa Comum. Para tal, analisamos as duas versões do Pacto das Catacumbas, bem como os documentos das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. Percebe-se como a compreensão do rosto dos pobres na realidade latino-americana foi se atualizando, incluindo a cada tempo aqueles que em maior

* Artigo recebido em 31/07/2020 e aprovado para publicação em 30/09/2020.

** Mestrando em Teologia Sistemática no PPG em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista CAPES. E-mail: anderssonbarroso@yahoo.com.br.

grau são oprimidos e violentados em seus direitos, a ponto de alcançar, com o Papa Francisco, a inclusão da terra como o novo rosto dos pobres. Refazer o caminho histórico desta compreensão no seio da Igreja pode ajudar-nos a assumir em nossas realidades particulares o compromisso de ser uma “Igreja pobre para os pobres”, sejam eles quais forem os seus rostos.

Palavras-chave: Pacto das Catacumbas; Pobres; Igreja; Papa João XXIII; Papa Francisco.

Abstract

Over the centuries was always present the poor's theme in Church life. In 20th century this matter could be resume when, in 1962, Pope John XXIII demonstrated his desire for a “Church of the poor” at a radio message in view of the Second Vatican Council's beginning. At the final days of the Council a group of Council Fathers decide make a pacto aiming the Pope's ideal. The called Pact of the Catacombs required bishops to seek a life with the poor. But which poor? In practice, who where those to whom the Church should approach, providing greater protagonism and encouraging them in the search for their rights? Continuous and long way made until a new pact in favor of the poor, the Pact of Catacombs for Common Home, whose novelty was to assume the earth as the new face of the poor. The goal of this paper is to illustrate the evolution in the eclesial understanding of the poor's face in a Latin American environment, from the Catacombs Pact of the Servant and Poor Church to the Pact of the Catacombs for Common Home. To this end, we analyzed the Pact of the Catacombs in its two versions, as well as the documents of the Episcopal Conferences of Latin America. It's possible to see how the comprehension of the face of the poor in Latin American reality has been updated, including each time those who are most oppressed and violated in their rights, to the point of reaching, with Pope Francis, the inclusion of earth as the new face of the poor. Retracing the historical path of this understanding at the heart of the Church can help us to assume in our particular realities the commitment to be a “poor Church for the poor”, whatever their faces may be.

Keywords: Pact of the Catacombs; Poor; Church; Pope John XXIII, Pope Francis.

Introdução

Os pobres são tema indubitável no decorrer da longa tradição judaico-cristã. Como sujeitos vulneráveis estão presentes tanto nos relatos veterotestamentários – onde podem ser paradigmaticamente representados pelo doente, o sem-terra, o mendigo, a viúva, o órfão e o estrangeiro¹ –, quanto nos testemunhos neotestamentários de Jesus, o filho de Deus que se fez pobre com os pobres, e de seus discípulos que os veem como primeiros interlocutores da boa nova e herdeiros do Reino de Deus (Lc 4,14-21. 6,20-23). Como se percebe, a pobreza na compreensão bíblica não está restrita à falta de bens materiais, mas indica uma situação tal que relega o ser humano a condições de indignidade existencial. É, portanto, um conceito relacional, que possui causa e ambiente social (FENGER, 1993, p. 696). Estes rostos apontam para Igreja um modo de ser e de servir.

Côncios desta realidade, teólogos(as) de todo o mundo têm evocado atualmente a questão da pobreza na Igreja, sobretudo a partir dos apontamentos magisteriais do Papa Francisco. Já no início de seu pontificado, ele assinalava seu desejo de uma “Igreja pobre e para os pobres”. Acredita-se que escolha de seu nome pontifício não tenha sido aleatória. Tomando-se o Papa latino como herdeiro da “opção preferencial pelos pobres”, a comparação entre seu desejo de uma Igreja pobre e aquele de João XXIII às vésperas da abertura do Concílio Vaticano II é inevitável. Dizia o “Papa Bom”: “Ante os países subdesenvolvidos a Igreja se apresenta como é e como quer ser, como Igreja de todos, em particular como a Igreja dos pobres” (JOÃO XXIII, 1962, *tradução nossa*)². Sinalizava que a desejada renovação na vida da Igreja inclui elementos que a fazem reaproximar-se sempre da luz de Cristo e das primeiras comunidades cristãs em sua pobreza e no serviço aos mais pobres.

Como resposta à proposição destes dois Papas, separados historicamente por meio século, surge o compromisso profético de cristãos que desejam assumir em sua vida pessoal e pastoral as consequências de uma Igreja pobre. O Pacto das Catacumbas da Igreja serve e pobre, firmado a três semanas do encerramento do Concílio Vaticano II por um pequeno grupo de padres conciliares, e posteriormente referendado por outros quinhentos, indica o desejo de viver o Concílio iniciado por João XXIII como “caminho de conversão e de compromisso pessoal com os pobres, seus sofrimentos, suas necessidades, suas lutas e esperanças” (BEOZZO, 2015, p. 9). Por sua vez, o Pacto das Catacumbas pela Casa Comum, em

¹ Embora estas três últimas categorias sejam pessoas vulneráveis no contexto do antigo Oriente Médio, se a lei de Deus for seguida, nem eles poderão mais ser considerados pobres e excluídos. Para aprofundamento buscar em KRAMER, Pedro. Estrangeiro, órfão e viúva na legislação deuteronomica: programa de uma sociedade igualitária, de solidariedade e de partilha. Rev. Inter. Mob. Hum., Brasília, ano XVIII, n. 35, p. 247-264, jul./dez. 2010.

² “In faccia ai paesi sottosviluppati la Chiesa si presenta quale è, e vuol essere, come la Chiesa di tutti, e particolarmente la Chiesa dei poveri.” In: JOÃO XXIII, Papa. Radiomessaggio del Santo Padre Giovanni XXIII ai fedeli di tutto il mondo, a un mese dal Concilio Ecumenico Vaticano II. 1962.

clara referência e memória ao primeiro pacto, busca renovar o compromisso da Igreja com os pobres, nas pegadas de Francisco, durante o Sínodo da Amazônia ocorrido em outubro de 2019.

Passados mais de 50 anos desde aquele primeiro pacto, o cenário social bem como os agentes e os afligidos pela pobreza mundial, não são necessariamente mais os mesmos. Somam-se ao seu contexto todos os fatores derivados da virada pós-moderna, da globalização, do capitalismo hegemônico, da atual crise ambiental. Estes elementos fazem-se presentes no novo Pacto das Catacumbas, apontando certa novidade em relação ao primeiro. De um conceito geral e não específico de pobres deslocamo-nos a um “novo rosto dos pobres”. Mais do que isto, analisar comparativamente ambos os documentos pode ajudar-nos a compreender, mesmo com uma análise não tão acurada do tema, a evolução da compreensão sobre a pobreza e os pobres no seio da Igreja, em especial na América Latina e Caribe, desde o Vaticano II, mostrando o rosto dos pobres na Igreja atual. É o que desejamos apresentar neste artigo.

1. O Pacto das Catacumbas da Igreja serve e pobre (1965)

Quando se pensa nas intenções e propostas de João XXIII para o Concílio que ele havia convocado, dois são os textos a serem utilizados por serem considerados como metatextos do Concílio Vaticano II: sua mensagem radiofônica de 11 de setembro de 1962, a um mês do início do Concílio, e o discurso de abertura *Gaudet Mater Ecclesia* (ALVES, 2013, p. 13; SOUZA, 2019, p. 729). O tema da pobreza e dos pobres na Igreja não aparece de maneira clara no discurso de abertura do Concílio. Está presente, porém, com certo destaque no texto da mensagem radiofônica, onde transparece o desejo de João XXIII de que a Igreja retome, a partir do Concílio, um estilo de vida simples, enraizado nos critérios evangélicos próprios das primeiras comunidades cristãs. A preocupação com os pobres e necessitados do mundo aparece também em outros documentos pontifícios de João XXIII³.

O fato é que, ao final do Concílio, já sob o papado de Paulo VI, mesmo que a opção pelos pobres encarnasse contextualmente a decisiva opção conciliar pela pessoa humana (DOMEZI, 2014, p. 16), o tema da “Igreja dos pobres” acabou não firmando-se nos documentos conclusivos do Concílio, embora não totalmente ausente⁴. Não se deve negar, contudo, a importância da mensagem radiofônica de João XXIII no que diz respeito ao tema da “Igreja dos pobres” para a realidade pós-conciliar. Ela pode ser

³ Cf. Carta Encíclica *Mater et Magistra* (1961) e Carta Encíclica *Pacem in Terris* (1963).

⁴ Cf. Lumen Gentium n. 8: “[...] a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo”; e em *Gaudium et spes* n. 1: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.

considerada como uma das fontes principais do movimento que surge como consequência da renovação que se deu a partir do Concílio (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 634).

Do desejo que a mensagem transmite, advém a grande contribuição para o tema no contexto conciliar. Emana de um grupo de trabalho que foi nomeado como “Igreja dos pobres”, com cerca de 50 bispos e 30 especialistas, movidos a fomentar as discussões sobre o assunto durante as sessões conciliares (BARNOSELL, 2015, p. 56). Reuniam-se no Colégio Belga de Roma, sob a condução do Cardeal francês Pierre-Marie Gerlier e contava com a participação e o testemunho de Pe. Paul Gauthier e da religiosa Marie-Thérèse Lescase, que haviam fundado uma comunidade para servir os pobres nas periferias de Nazaré, na Terra Santa. Tinham destaque no grupo nomes como o do Cardeal Giacomo Lercaro – que fez um famoso discurso defendendo a centralidade dos pobres na reflexão sobre o mistério de Cristo e da Igreja durante a segunda sessão do Concílio, Dom Hélder Câmara e Dom Manuel Larraín Errázuriz – muito próximos de Paulo VI e futuros vice-presidente e presidente do CELAM, bem como Dom Marcos McGrath – que será um dos grandes articulares na Conferência de Medellín. A importância deste grupo para a Igreja universal pode ser referendada através da estreita ligação que se pode verificar, por exemplo, entre o conteúdo da *Gaudium et Spes* e da *Populorum Progressio* e o documento do pacto que o grupo irá propor ao final do Concílio (BRIGHENTI, 2015, p. 165).

Vendo, porém, que o tema da Igreja dos pobres não conseguiu se impor como centro das ideias do Concílio, alguns deles decidem fazer um compromisso pessoal e pastoral em favor de uma “vida de pobreza segundo o Evangelho” (BEOZZO, 2015, p. 13-14). Conscientes da atual situação da Igreja em relação aos pobres, e desejosos de começar a construir uma nova atitude eclesial e pastoral, reúnem-se nas Catacumbas de Santa Domitila, junto ao túmulo dos mártires Nereu e Aquileu, para uma celebração eucarística no dia 16 de novembro de 1965, e ao término, invocando “a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo” e a Santíssima Trindade decidem comprometer-se com a Igreja dos pobres através de um documento contendo treze pontos aqui resumidamente descritos: 1) Adotar um estilo de vida à maneira do povo; 2) Sempre renunciar à aparência e à realidade da riqueza; 3) Não possuir nenhum bem em nome próprio; 4) Confiar a gestão financeira e material das dioceses a uma comissão de leigos para ser mais pastores e apóstolos; 5) Recusar títulos que remetam à grandeza e ao poder; 6) Evitar tudo o que possa parecer conferir privilégios, prioridades ou preferência aos ricos e poderosos; 7) Evitar usar da vaidade alheia para conseguir benefícios; 8) Amparar com todos os meios necessários o serviço apostólico e pastoral da evangelização nos meios populares; 9) Transformar as obras de beneficência em obras sociais baseadas na caridade e na justiça; 10) Buscar uma nova ordem social em comunhão com os órgãos governamentais; 11) Comprometer-se de maneira ativa na luta contra a condição de pobreza dos dois terços da

humanidade que se encontram nesta situação; 12) Estar mais abertos aos irmãos, partilhando com eles a vida; e 13) Dar a conhecer estes objetivos a todos os fiéis das respectivas dioceses (PACTO DAS CATACUMBAS, 1965).

O texto, que não passava de duas folhas escritas, será um dos fatores incipientes do surgimento, sobretudo em solo latino-americano, de uma Igreja realmente comprometida com os pobres e disposta a viver a partir da pobreza evangélica e do espírito do serviço (SOBRINO, 2015, p. 153). Paulo VI, em seu discurso na última sessão pública do Concílio, já registrava esta dimensão: "A Igreja declarou-se quase a escrava da humanidade, precisamente no momento em que tanto o seu magistério eclesiástico como o seu governo pastoral adquiriram maior esplendor e vigor devido à solenidade conciliar; a ideia de serviço ocupou o lugar central" (PAULO VI, 1965).

O Pacto das Catacumbas da Igreja serve e pobre terá importante influência no contexto pós conciliar, em especial na Igreja latino-americana. Se, porém, o Pacto ressalta a necessidade de a Igreja tornar-se a pobre servidora dos pobres, não deixa claro quem são, historicamente, os que a Igreja deve servir prioritariamente. Como momento inicial deste compromisso, vê os pobres ainda de maneira genérica. No número 8, o texto diz que os bispos devem amparar o trabalho dos leigos, religiosos, diáconos e sacerdotes que são chamados a evangelizar os pobres e os operários. Por sua vez no número 11, falando das populações pobres do mundo, utiliza as expressões "massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral", "nações proletárias" e "massas pobres". É como se a Igreja ainda não enxergasse o rosto destes pobres. As expressões utilizadas no Pacto indicam o necessário caminho que a Igreja precisou trilhar na identificação dos pobres, em cada tempo e espaço, sobretudo onde ele teve maior impacto. É o que trataremos a seguir.

2. Os pobres ganham rosto: o caminhar na identidade dos pobres na Igreja Latino-Americana

"A opção preferencial pelos pobres assumida pela América Latina vem do espírito do Concílio Vaticano II" (DOMEZI, 2014, p. 17). Assim, doravante o Pacto das Catacumbas da Igreja serve e pobre, vê-se na América Latina despertar a necessidade de a Igreja conhecer mais de perto os pobres com os quais deseja agora caminhar. Certos de sua primordialidade, não demoram a surgir iniciativas e reflexões a respeito da identidade dos pobres na América Latina e Caribe. Suas histórias, suas raízes, suas memórias e suas narrativas passam a ter importância caso a Igreja queira realmente servi-los e evangelizá-los.

A II Conferência geral do episcopado latino-americano, ocorrida em Medellín – Colômbia, no ano de 1968, é o ponto fulcral desta reflexão. Foi como a encarnação para o nosso continente daqueles compromissos

assumidos no Concílio Vaticano II. Porém, foi além. Em Medellín é dado aquele passo sonhado por um pequeno grupo de padres conciliares, mas que não teve fôlego para ampliar-se à maioria dos participantes no momento do Concílio (BEOZZO, 2015, p. 15). A Igreja latino-americana começa, a partir da “opção preferencial pelos pobres”, a gerar um novo modelo eclesial, não mais em chave eurocêntrica, mas acessível à toda a Igreja (SOUZA, 2019, p. 732).

Seu documento final, constando de 16 documentos, dedica o décimo quarto inteiramente a pensar a pobreza na Igreja. Nele há uma importante distinção entre a pobreza como carência de bens necessários a uma vida digna, a pobreza espiritual como atitude de abertura a Deus e a pobreza assumida voluntariamente como compromisso e amor à condição dos mais necessitados (MEDELLÍN, Doc. 14, n. 4). As semelhanças entre os tópicos do Documento 14 de Medellín e aqueles do Pacto das Catacumbas da Igreja serva e pobre são evidentes. Sem medo de errar, pode-se dizer que este foi o ponto de partida para a reflexão do tema da Igreja dos pobres em Medellín (SOBRINO, 2015, p. 155). Para além do Documento 14, a Conferência assumiu ainda o tema da “Pobreza da Igreja” como um dos três temas transversais a todos os seus documentos (SOUZA, 2019, p. 732-733).

Uma das contribuições de Medellín para o tema dos pobres é tê-los entendido como sujeito histórico. Não são eles somente os destinatários da ação da Igreja. Eles são sujeitos de sua própria vivência de fé, de sua própria evangelização. Eles têm um rosto. Como aponta Domezi, “não há pessoa humana genérica, sem rosto e sem história, como também não há povo desvinculado de realidade histórica” e “por isso, a opção do Concílio [Vaticano II] tem que ser tomada segundo as necessidades de cada espaço humano particular” (DOMEZI, 2014, p. 17). Também auxiliou na reflexão sobre o rosto da própria Igreja. Alerta sobre como a Igreja é vista por muitos como rica e estando ao lado dos ricos, como algumas de suas lideranças (bispos, párocos, religiosos) não se identificam realmente com os pobres por estarem longe deles, e que estes deveriam estar atentos ao “surdo clamor” dos pobres (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 637).

Naquele momento histórico a “opção preferencial pelos pobres” foi assumida também pela nascente Teologia da Libertação e por outros grupos que nela se inspiram, certos de que tanto sociologicamente, quanto eclesiológica e teologicamente os pobres, os necessitados e os oprimidos possuem centralidade no mistério de Cristo e da Igreja. Como indica Aquino Júnior, “isso foi muito importante, tanto para explicitar e fundamentar a densidade teológica da “Igreja dos pobres”, quanto para dinamizar pastoralmente a organização e a missão da Igreja” (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 640).

A Teologia da Libertação, herdeira do espírito que surgira do Concílio Vaticano II e dos pontificados de João XXIII e Paulo VI, ciente da realidade de ampla desigualdade na América Latina, vai aos poucos se identificando

e se aproximando das camadas mais populares da sociedade. Para ela, os pobres são todos aqueles explorados (exploração esta que vem desde o período colonial) e que clamam por libertação, seja ela econômica, política, social, cultural, religiosa, etc. Os pobres são identificados como os camponeses expropriados do acesso à terra, o proletariado, os moradores das favelas e dos subúrbios, o caboclo, o sertanejo, o negro. Reconhecer seus rostos é reconhecer o rosto do próprio Cristo (FERREIRA DA SILVA, 2006, p. 17, 29, 35).

A III Conferência geral do episcopado latino-americano, desta vez reunida em Puebla – México, no ano de 1979, continua avançando na reflexão sobre a opção preferencial pelos pobres⁵. Face ao texto de Medellín, no qual o termo “pobre” aparece 33 vezes e “pobreza” 34 vezes, o vocábulo “pobre” aparece no texto final de Puebla surpreendentes 186 vezes⁶ enquanto “pobreza” 78 vezes. O aumento na ocorrência chama tanta atenção quanto o aumento da pobreza em nosso continente na época, que se explicitava não só em falta de dinheiro, mas em “mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção” (PUEBLA 29).

Após dez anos de trabalho com o Documento de Medellín, a Igreja Latino-Americana tem maior clareza de quem são esses pobres aos quais, historicamente situada, a Igreja é chamada a dar especial atenção e caminhar junto: operários (que já haviam sido citados no Pacto das Catacumbas da Igreja serve e pobre), crianças, menores abandonados, jovens, indígenas e afro-americanos (que o documento considera como os mais pobres dentre os pobres), camponeses sem terra, desempregados e subempregados, marginalizados e aglomerados urbanos, anciãos, as mulheres, os migrantes, as prostitutas (PUEBLA 32-39, 581, 711, 834-840). São todos aqueles que têm sua dignidade humana em algum ponto negada, vilipendiada pela pobreza não evangélica, e que necessitam ser assistidos pela Igreja, que deve ser também ela, pobre. Nesta linha, o Papa Paulo VI já mostrava alguns anos antes de Puebla, em sua exortação *Evangelii Nuntiandi*: “O mundo reclama e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia” (PAULO VI, 1975, n.76).

Em Santo Domingo – República Dominicana, com a IV Conferência geral do episcopado latino-americano, em 1992, a opção preferencial pelos pobres, em continuidade a Puebla, é afirmada, mas associada a uma opção não exclusiva nem excludente. Esta visão talvez possa refletir o conflito que existia no seio da Igreja entre algumas lideranças eclesiais e as lideranças

⁵ Alguns autores questionam essa afirmação, afirmando que o documento de Puebla enfraqueceu a opção pelos pobres na Igreja em relação àquela de Medellín. Veja como exemplo a reflexão de J.B. Libanio em *Conferências gerais do episcopado latino-americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007. p.30. Para nós, interessa ressaltar como o documento deu novos rostos aos pobres do continente.

⁶ Termos de mesmo campo semântico aparecem também com significativa frequência: necessitados (15 vezes), marginalizados (18 vezes), oprimidos (11 vezes).

da Teologia da Libertação, que haviam assumido a opção preferencial pelos pobres como seu elemento central e viam como negativa esta “flexibilização do entendimento” do termo ‘preferencial’ na ação da Igreja. Havia prementemente uma disputa de modelos teológicos distintos. Mesmo assim, o documento final da Conferência consegue apresentar novos rostos dos pobres, em consequência das realidades político-econômico-sociais vivenciadas na América Latina. Diz em seu número 178:

Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. Na fé encontramos os rostos desfigurados pela fome, consequência da inflação, da dívida externa e das injustiças sociais; os rostos desiludidos pelos políticos que prometem, mas não cumprem; os rostos humilhados por causa de sua própria cultura, que não é respeitada, quando não desprezada; os rostos angustiados dos menores abandonados que caminham por nossas ruas e dormem sob nossas pontes; os rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; os rostos cansados dos migrantes que não encontram digna acolhida; os rostos envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho dos que não têm o mínimo para sobreviver dignamente (SANTO DOMINGO 178).

Em suma, os enfermos, os anciãos, as crianças abandonadas, os marginalizados, os indígenas e os afro-americanos, os camponeses, os sem-terra, os desempregados, os sem-teto, as mulheres ignoradas nos seus direitos, as famílias, os deficientes, os presos e os portadores do vírus HIV são aqueles que aparecem descritos como pobres no documento final de Santo Domingo (SANTO DOMINGO 17, 31, 167, 178, 180).

A V Conferência geral do episcopado latino-americano, realizada em Aparecida no ano de 2007, traz a clássica opção preferencial pelos pobres descrita em seu 8º capítulo, que trata do Reino de Deus e Promoção da Dignidade Humana, reafirmando-a como “uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja Latino-Americana e Caribenha (DAP., 391). Os rostos dos pobres aparecem elucidados ao longo de todo o documento, mas em especial no número 65: as comunidades indígenas e afrodescendentes, mulheres, jovens, desempregados e subempregados, migrantes, agricultores sem-terra, meninos e meninas submetidos à exploração sexual, crianças vítimas do aborto, os famintos, os dependentes de drogas, deficientes físicos, portadores do HIV, as vítimas da violência, do terrorismo e dos conflitos armados, os anciãos, os presos vivendo sob condições desumanas (DAP., 65).

Não provém, contudo, do Documento de Aparecida, a vigorosa retomada da reflexão a respeito dos pobres e de uma Igreja pobre em pleno século XXI. É com a eleição do Papa Francisco, o primeiro na história vindo da América Latina, que o tema dos pobres se apresentará com frescor e intensidade. Como registra Aquino Júnior “o projeto de ‘uma Igreja pobre e para os pobres’ está no centro das preocupações e orientações pastorais de

Francisco e é a marca evangélica mais característica de seu ministério pastoral” (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 643).

Muitos poderiam ser os exemplos aqui citados para elucidar como Francisco, inserindo-se ele mesmo neste projeto por uma Igreja pobre para os pobres, conduz a Igreja como verdadeiro pastor por caminhos novos. Limitamo-nos aqui a refletir brevemente sobre como ele tem ajudado a Igreja a compreender quem são os pobres de nosso tempo e como a ela pode identificar-se com eles, estando junto deles. Por um lado, Francisco tem feito a opção de, em momentos fortes da liturgia e da vida cristã, estar ao lado dos pobres: convida-os para o almoço de Natal, lava os pés de encarcerados, idosos e imigrantes na Quinta-Feira Santa – fora da Basílica de São Pedro, prefere sempre visitar os mais necessitados e carentes em suas viagens internacionais, ao invés de visitar as lideranças religiosas e civis. Por outro, seu magistério e sua ação pastoral tem apontado para as “periferias sociais e existenciais” próprias de nosso tempo. Diz o Papa em sua mensagem pelo Dia Mundial dos Pobres, celebração esta que ele instituiu para o XXXIII Domingo do Tempo Comum:

Conhecemos a grande dificuldade que há, no mundo contemporâneo, de poder identificar claramente a pobreza. E todavia esta interpela-nos todos os dias com os seus inúmeros rostos marcados pelo sofrimento, pela marginalização, pela opressão, pela violência, pelas torturas e a prisão, pela guerra, pela privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e pelo analfabetismo, pela emergência sanitária e pela falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e pela escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro. Como é impiedoso e nunca completo o elenco que se é constrangido a elaborar à vista da pobreza, fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada! (FRANCISCO, 2017, n. 5)

É na *Evangelii Gaudium* que se encontra a fundamentação teológica de sua proposta de uma Igreja pobre para os pobres. Segundo Aquino Júnior, fica claro que para Francisco a opção pelos pobres é inerente ao ser cristão pois “pertence ao coração do Evangelho do reinado de Deus e, enquanto tal, ela é constitutiva (e não meramente consecutiva e opcional!) da fé cristã” (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 644). Francisco utiliza no documento o termo “periferias” para localizar os pobres. São todos aqueles que estão nas periferias, sejam elas sociais ou existenciais. No documento, Francisco nomeia os sem abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos abandonados, os migrantes, aqueles(as) vítimas do tráfico de pessoas, as mulheres e os nascituros (EG 210-214). O ponto 215 do documento indica uma decisiva novidade na compreensão do rosto dos pobres na Igreja. Diz o Papa que há ainda “outros seres frágeis e indefesos” que nós, seres humanos, devemos nos preocupar como

verdadeiros guardiões. Estamos diante de um novo rosto dos pobres que será definitivamente assumido pelo Papa com a carta encíclica *Laudato si*: os cristãos devem cuidar não só dos frágeis da terra (EG 209), mas da própria terra.

3. O Pacto das Catacumbas pela Casa Comum: a terra como novo rosto dos pobres (2019)

Como se afirmou, a *Laudato si* representa um grande marco na compreensão do rosto dos pobres no seio da Igreja. O Papa desde o início da encíclica deixa bastante claro seu posicionamento: “entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (LS 2). Não que ele agora deixe de lado todo o patrimônio na compreensão da identidade dos pobres na América Latina e em toda a Igreja. Muito pelo contrário. Francisco está preocupado em mostrar como há uma profunda ligação entre as causas das diversas pobreza humanas e da devastação do planeta, como estão interligadas a busca pela justiça para com os pobres e a justiça para com a terra, como estão aglutinadas a fragilidade dos pobres e aquela do planeta. De mais a mais o pontífice vai nos ajudando a perceber que os mais afetados pela devastação ambiental são os mais pobres. Não há, portanto, desconexão entre o compromisso cristão com os pobres e o compromisso com a nossa “Casa Comum”. O convite que o Papa faz à Igreja é de, em tempos de grave crise socioambiental, assumir a ecologia integral, “que inclua claramente as dimensões humanas e sociais” (LS 137). Desafio tão grande quanto aquele feito por João XXIII de uma Igreja pobre e para os pobres num contexto em que a Igreja, em suas esferas mais altas, vivia uma realidade autocentrada e triunfalista.

Alguns anos após a publicação da *Laudato si*, o Papa Francisco convoca para o ano de 2019 a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica, mais um passo insistente para que a Igreja se preocupe com os pobres da terra e com a terra pobre. Aquela genuína opção pelos pobres que implica um compromisso sério em viver a pobreza evangélica e servir os pobres estando ao lado deles, surgida em 1965 com o grupo “Igreja dos Pobres” e que deu origem ao Pacto das Catacumbas da Igreja serva e pobre, encontra novamente espaço dentro da Igreja. Durante o sínodo, um grupo de participantes decide, evocando a memória daqueles bispos que haviam se comprometido com a Igreja serva e pobre através do Pacto das Catacumbas, renovar de maneira atualizada o Pacto das Catacumbas. O local é o mesmo, as Catacumbas de Santa Domitila, e evoca não somente um fato passado, mas o testemunho vivo de todos os membros das comunidades latino-americanas (leigos e leigas, missionários e missionárias, padres, bispos, lideranças indígenas) que doaram suas vidas, mesmo com o martírio, pela causa dos pobres e em defesa de suas vidas.

A atitude motivacional deste novo pacto difere grandemente do Pacto das Catacumbas da Igreja serva e pobre. Naquele primeiro pacto, os Bispos iniciam o documento quase em tom confessional: "Nós, Bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho [...]" (PACTO DAS CATACUMBAS, 1965). Registrava a situação da Igreja naquele período, longe dos pobres e da pobreza, mas com disposição firme de conversão. Após 50 anos de caminhada da Igreja com os pobres a situação é bem distinta:

Nós, participantes do Sínodo Pan-amazônico, partilhamos a alegria de habitar em meio a numerosos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, migrantes, comunidades na periferia das cidades [...]. Com eles temos experimentado a força do Evangelho que atua nos pequenos. O encontro com esses povos nos interpela e nos convida a uma vida mais simples de partilha e gratuidade (PACTO DAS CATACUMBAS, 2019).

É o encontro cotidiano com os pobres, que têm rostos bastante familiares, que motiva e anima os signatários do Pacto das Catacumbas pela Casa Comum (agora não mais somente Bispos), a assumir os compromissos numa "Igreja pobre e para os pobres", de maneira pessoal e comunitária. De forma análoga ao primeiro Pacto, invocando a Santíssima Trindade, comprometem-se a seguir os 15 pontos seguintes, também aqui resumidos: 1) Compromisso com a defesa da território amazônico; 2) Compromisso com a ecologia integral; 3) Acolher e renovar a cada dia a aliança de Deus com todo o criado; 4) Renovar em nossas igrejas a opção preferencial pelos pobres, em especial, pelos povos originários; 5) Abandonar toda espécie de mentalidade e postura colonialista; 6) Denunciar todas as formas de violência e agressão aos povos originários; 7) Anunciar a novidade libertadora do evangelho de Jesus Cristo; 8) Caminhar ecumenicamente com outras comunidades cristãs e outras religiões na defesa dos direitos dos pobres e da terra; 9) Instaurar em nossas igrejas particulares um estilo de vida sinodal; 10) Empenhar-se no reconhecimento dos ministérios eclesiais leigos; 11) Efetivar uma pastoral de presença, assegurando o direito à Mesa da Palavra e da Eucaristia; 12) Reconhecer e consolidar o ministério das mulheres na direção das comunidades na Amazônia; 13) Buscar novos caminhos de ação pastoral nas cidades que valorizem o protagonismo de leigos e jovens; 14) Assumir um estilo de vida sóbrio, simples e solidário com os que têm pouco ou nada; 15) Colocar-se ao lado dos que são perseguidos por sua ação profética de denúncia e reparação de injustiças.

Como podemos notar, os dois primeiros compromissos assumido pelos signatários do Pacto das Catacumbas pela Casa Comum dizem respeito à defesa do território amazônico e a busca da ecologia integral, e por consequência, a todos os outros territórios indispensáveis para a vida de todos os seres do planeta. Cientes da interdependência dos seres

criados, a terra amazônica é compreendida mais do que como um simples território em que se encontram pessoas. Ela é vista como um sujeito. Tanto como os outros pobres, merece ser cuidada e vista pela ação da Igreja. A terra apresenta-se dentre os rostos dos pobres. Esta percepção não é exclusiva, e faz que toda a criação, como sinal da aliança de Deus, seja incluída nesta nova face.

Não se deixa de reafirmar o compromisso com todos os outros pobres de nosso tempo. Diz o documento em seu número 4 que devemos trabalhar para garantir que eles tenham o “direito de serem protagonistas na sociedade e na Igreja”. Dando especial destaque aos povos originários, é ainda lembrado, o necessário cuidado com os jovens, as mulheres, os migrantes e refugiados e os enfermos. O documento, na esteira do Sínodo da Amazônia, compreende que em cada realidade particular a Igreja necessita identificar os rostos dos pobres aos quais é chamada a ser servidora, fazendo-se presente em suas realidades, culturas, ambientes.

Conclusão

O Pacto das Catacumbas da Igreja serva e pobre foi um importante evento para toda a Igreja. Responde a um desejo de João XXIII por uma “Igreja dos pobres” e pode ser considerado como um dos pilares para o compromisso cristão que parte da clássica formulação “Opção preferencial pelos Pobres” surgida em Medellín. Pode ser tomado também como o ponto de partida de um longo e contínuo processo de identificação menos genérica dos pobres dentro da vida da Igreja. Os pobres têm um rosto, uma história, um nome e devem ser considerados em cada tempo e lugar. Estes rostos são muitos e dizem algo daqueles que são em nossa sociedade, de alguma forma, explorados, oprimidos, violentados. Esta percepção está presente também no Pacto das Catacumbas pela Casa Comum, uma atualização feita em 2019 daquele primeiro pacto firmado em 1965. Sua singularidade faz referência ao magistério do Papa Francisco, que, desejoso de uma “Igreja pobre e para os pobres” inseriu a terra, nossa Casa Comum, no rol dos pobres abandonados e maltratados.

Analisar o Pacto das Catacumbas em suas duas versões e o percurso histórico percorrido pela Igreja latino-americana entre ambos nos ajuda a entender a evolução na compreensão de quem são os pobres em nossa sociedade, os sujeitos vulneráveis, que devem ser os destinatários primeiros da mensagem evangélica e com os quais a Igreja deve caminhar na construção de um mundo mais justo, fraterno e baseado nas relações misericordiosas próprias da Trindade

Siglas

CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano

EG = Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*

LS = Carta Encíclica *Laudato si*

Referências

ALVES, Cesar. *Para uma hermenêutica apropriada do Vaticano II: o discurso inaugural de João XXIII e o objetivo do Concílio*. Gregorianum, v. 94, n. 1, p. 5-34, 2013. Acesso em: <www.jstor.org/stable/23581855>. Acesso em: 03 maio 2020.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. “Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 631-657, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/1306>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BARNOSELL, Joan Planellas. Los artificios del Pacto: Origen, evolución y crepúsculo del grupo llamado “Iglesia de los pobres”. In: PIKASA, Xabier; ANTUNES DA SILVA, José (Eds). *El pacto de las catacumbas: la misión de los pobres en la Iglesia* (Edición digital). Pamplona: Verbo Divino, 2015, p. 55-71.

BEOZZO, José Oscar. *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*. São Paulo: Paulinas, 2015. 68 p.

BRIGHENTI, Agenor. El pacto de las Catacumbas y la tradición eclesial liberadora. In: PIKASA, Xabier; ANTUNES DA SILVA, José (Eds). *El pacto de las catacumbas: la misión de los pobres en la Iglesia* (Edición digital). Pamplona: Verbo Divino, 2015, p. 162-174.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968*. São Paulo: Paulinas, 1998. 285 p.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino - Americano e do Caribe – 2007*. 2. ed. Brasília; São Paulo: CNBB; Paulinas; Paulus, 2007. 301 p.

CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência geral do episcopado latino-americano – 1979*. São Paulo: Paulinas, 1979. 448 p.

CELAM. *Santo Domingo: conclusões: nova evangelização, promoção humana, cultura cristã, Jesus Cristo ontem, hoje e sempre – 1992*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1993. 222 p.

DOMEZI, Maria Cecília. O Concílio Vaticano II e os pobres. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 15-20.

FENGER, Anne-Lene. *Pobreza*. In: EICHER, Peter (dir.). Dicionário de conceitos fundamentais de teologia. São Paulo: Paulus, 1993. p. 696-702.

FERREIRA DA SILVA, Sandro Ramon. *Teologia da Libertação: Revolução e reação interiorizadas na Igreja*. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

JOÃO XXIII, Papa. *Radiomessaggio del Santo Padre Giovanni XXIII ai fedeli di tutto il mondo, a un mese dal Concilio Ecumenico Vaticano II*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/it/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council.html. Acesso em: 15 jun 2020.

PACTO DAS CATACUMBAS DA IGREJA SERVA E POBRE. 1965. In: KLOPPENBURG, Boaventura. *Concílio Vaticano II*. Vol. 5. Petrópolis: Vozes, 1966, p. 526-528.

PACTO DAS CATACUMBAS PELA CASA COMUM. 2019. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/sites/32/2019/10/Pacto-das-Catacumbas-pela-Casa-Comum9.pdf>. Acesso em: 03 maio 2020.

PAULO VI, Papa. *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html. Acesso em: 19 jun. 2020.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi do Papa Paulo VI ao episcopado, ao clero, aos fiéis de toda a Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 16 jun. 2020.

SOBRINO, Jon. Iglesia de los pobres: Vaticano II, Medellín, Romero. In: PIKASA, Xabier; ANTUNES DA SILVA, José (Eds). *El pacto de las catacumbas: la misión de los pobres en la Iglesia* (Edición digital). Pamplona: Verbo Divino, 2015, p. 153-161.

SOUZA, Ney de. "Pobreza na Igreja": História e Teologia do documento 14 da Conferência de Medellín. *Caminhos*, v. 17, n. 2, p. 527-740, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7196/4169>. Acesso em 03 jun. 2020.